

A COMPREENSÃO DO ATO DE FALA DE MENTIR PODE MUDAR EM DUAS DÉCADAS? E CONFORME GÊNERO, ESCOLARIDADE E IDADE?

**CAN THE UNDERSTANDING OF THE SPEECH ACT OF LYING CHANGE IN
TWO DECADES? AND ACCORDING TO GENDER, SCHOOLING AND AGE?**

Pollianna Milan | [Lattes](#) | pollimilan@hotmail.com
Universidade Federal do Paraná

Resumo: Esta pesquisa experimental estudou a compreensão do ato de fala de mentir a partir da teoria cognitiva dos protótipos. Quais atos de fala contêm todos os elementos cognitivos (ou parte deles) que são considerados ou não mentira? Replicou-se um estudo feito na década de 1990 para testar se o entendimento do ato de mentir mudou ao longo da história, após 21 anos, e, ainda, para averiguar se essa compreensão pode variar segundo gênero, escolaridade e idade dos indivíduos que participaram do estudo. Concluiu-se que, das 8 histórias julgadas por 89 pessoas, 3 histórias foram categorizadas (entre mentira e não mentira) de maneira distinta de 1994 para 2015. Ainda, 2 histórias tiveram julgamentos diferentes com relação à idade e uma delas foi considerada não mentira pela maioria das mulheres, enquanto os homens ficaram divididos em considerar esse ato de fala uma mentira ou não mentira.

Palavras-chave: Semântica; Teoria dos Protótipos; Ato de fala de mentir.

Abstract: The aim of this experimental research is to evaluate the understanding of the speech act of lying from the prototype theory. Which speech acts contain all the cognitive elements (or some of them) that are considered or not a lie? A study in the 1990s was replicated to test whether the understanding of lying changed after 21 years, and whether this understanding can vary according to gender, schooling, and the age of the individuals who participated in the research. We concluded, of the 8 stories judged by 89 people, 3 stories were classified (between lie and not lie) differently from 1994 to 2015. Yet, 2 stories had different judgments with respect to age and one of them was considered not a lie by the majority of women, while men were divided into considering such speech act a lie or not.

Keywords: Semantics; Prototypes Theory; Speech act of lying.

Introdução

O objetivo principal desta pesquisa é replicar um estudo feito por Biondo (1994) para averiguar se houve mudança na compreensão do que é o ato de fala de mentir, em um período histórico de duas décadas. Também se pretende verificar se há interferência na compreensão do ato de mentir segundo a idade, gênero e escolaridade dos informantes que participaram desta pesquisa. Para este estudo experimental, foram replicadas, em 2015, 8 histórias diferentes, as mesmas contadas aos informantes em 1994, com o igual propósito de analisar quais seriam as histórias narradas que seriam classificadas como mentira e quais seriam classificadas como não mentira. A partir disso, as perguntas de pesquisa são: (i) As 8 histórias terão julgamento igual e/ou diferente sobre o que era mentira ou não mentira de 1994 para 2015? (ii) Quais histórias mudaram a compreensão do que é mentira em duas décadas? (iii) Existe associação entre o julgamento das histórias e a idade dos informantes? Se sim, para qual (ou quais) história(s)? (iv) Há associação entre a categorização das histórias e a escolaridade dos informantes? -Se sim, para qual (ou quais) história(s)? E, ainda: (v) Existe associação entre a classificação das histórias e o gênero dos informantes? - Se sim, para qual (ou quais) história(s)?¹

A compreensão do ato de fala de mentir foi estudada a partir da teoria cognitiva dos protótipos, ou seja, quais atos de fala contêm todos os elementos cognitivos (ou parte deles) que são considerados ou não mentira? Os resultados mostraram que uma das histórias (a primeira delas) é tipicamente um protótipo da mentira, tanto em 1994 como em 2015. Uma outra história (a segunda delas) foi a que menos continha protótipos de mentira. As demais variaram muito de categoria (entre ser mentira ou não mentira). Repetiu-se o que Biondo encontrou no estudo de 1994, sobre o fato de ser mais importante para caracterizar a mentira a presença da seguinte situação: alguém (o falante) que pretende enganar outra pessoa (o ouvinte), contando uma proposição falsa, e este ouvinte sendo efetivamente enganado.

É possível afirmar também que alguns tipos de atos de fala de mentir podem ter mudado de compreensão em duas décadas, pois algumas histórias, que foram classificadas como mentira em 1994, neste estudo experimental foram categorizadas como não mentira. Houve, ainda, interferência da ironia e/ou imprecisão no julgamento de algumas histórias (os envolvidos na pesquisa se perguntaram se ironizar ou responder desviando da pergunta seria uma maneira de mentir). Por fim, as variáveis gênero e idade interferiram na classificação da história entre mentira e não mentira. A variável escolaridade, no entanto, não modificou os resultados.

¹ As 8 histórias estão descritas em detalhes na seção Metodologia.

A construção do ato de fala de mentir

Qual é a primeira coisa que vem à cabeça quando se pensa na definição do que é mentir? É a de que alguma coisa não verdadeira está sendo contada e que provavelmente alguém irá enganar² outra pessoa ao contar esse episódio não verdadeiro. Segundo a definição do Dicionário Aurélio, *mentira* é: “1. Ato de mentir; 2. Engano propositado; 3. História falsa; 4. Aquilo que se engana ou ilude.” A partir dessas definições, é possível afirmar que a interpretação da palavra *mentira* não depende apenas de seu significado único, literal, mas das pessoas envolvidas (se elas têm ou não a intenção de enganar), do contexto onde ela ocorre (ou seja, existe um ato para se contar a mentira), da pessoa que foi enganada, e assim por diante.

O objetivo, então, é tentar demonstrar que o conceito de mentira, por ser algo abstrato (não relacionado necessariamente a um objeto concreto no mundo real), é gradual conforme os indivíduos que a julgam e, assim, segundo suas experiências e conhecimentos de mundo. Para Coleman e Kay (1981), a mentira ou o ato de mentir deve ser visto como um ato de fala, o que quer dizer que é um enunciado linguístico produzido num contexto particular por pessoas particulares, ou seja, que também pode historicamente ganhar novas classificações, conforme as sociedades vão evoluindo e/ou modificando-se.

Este artigo tratará, então, da teoria cognitiva, em que o significado depende de a palavra ter mais ou menos elementos da categoria a que a mentira pertence. O que isso quer dizer? Segundo Diessel (2013), as categorias são os elementos básicos da cognição humana. Existem diferentes teorias de categorias, tais como a da visão clássica, a do exemplar e a da visão prototípica. Na clássica, as categorias são definidas por traços necessários e suficientes para definir algo. A dificuldade dessa linha é classificar quais traços incluir, pois algumas categorias possuem fronteiras não muito claras (chamadas de *fuzzy boundaries*). Na do exemplar, não existe representação abstrata de categoria e os traços são acrescentados o tempo todo, conforme a experiência dos indivíduos.

A visão prototípica, que interessa sobremaneira para este experimento, foi desenvolvida pela psicolinguista americana Eleanor Rosch, em que as categorias das palavras são organizadas ao redor de seus melhores exemplos. Ou seja, um sabiá é um animal mais prototípico de sua categoria (pássaro) do que um pinguim. O que isso quer dizer é que existem alguns membros que são melhores exemplos da sua categoria do que outros. O mais interessante é que esta linha teórica defende também que o significado das palavras (e da categoria a que pertencem) depende do contexto e da cultura onde são usadas.

² Usa-se o termo *enganar* aqui no sentido de que alguém tem a intenção de induzir o outro (o que recebe a mensagem) ao erro, de fazer essa pessoa acreditar no que não é verdadeiro.

Dentro desse modelo, acredita-se que as palavras têm fronteiras não definidas e/ou não muito claras (*fuzzy boundaries*).

Ambas as teorias, a do protótipo e a do exemplar, enfatizam a importância da similaridade para a categorização. Duas entidades podem ser mais ou menos semelhantes a outras dependendo dos traços comuns que compartilham. (DIESSEL, 2013, p. 10).³

Saeed (2003) explica que o modelo dos protótipos está baseado em conceitos que estruturam os membros típicos ou centrais de uma dada categoria. Além do exemplo da categoria *pássaro*, é possível pensar em vários outros, como o da categoria *mobília*, em que a cadeira pode ser considerada um modelo mais central e típico dessa categoria do que a lâmpada, por exemplo. Por isso, “os falantes tendem a concordar mais prontamente em relação aos membros típicos do que aos membros menos típicos. Eles vêm à mente mais rapidamente” (SAEED, 2003, p. 37).⁴

Para testar se realmente as pessoas costumam reconhecer mais facilmente algo quando este é típico de determinada categoria, Coleman e Kay (1981) propuseram um estudo sobre a mentira com histórias que tivessem traços bastante prototípicos da mentira e outras com traços não tão prototípicos assim, para ver como as pessoas julgariam essas histórias (leia mais a este respeito na seção Metodologia). Este estudo foi readaptado por Biondo (1994), que foi replicado nesta pesquisa.

Além de a teoria dos protótipos julgar os elementos pela categoria a que pertencem, esse modelo pode ser investigado ainda pela noção de hierarquia conceitual.

Os defensores da teoria dos protótipos propuseram que tais hierarquias contêm níveis de generalização: o nível superior, o nível básico e o nível subordinado. A ideia é a de que os níveis diferem no balanço de sua informação e utilidade. (SAEED, 2003, p. 39).⁵

Conforme o exemplo da mobília, o nível superior seria o da mobília, o qual tem relativamente menos traços característicos. O nível básico poderia incluir o conceito de cadeira, que tem mais traços; e o nível subordinado poderia incluir conceitos como ca-

³ “Both prototype theory and exemplar theory emphasize the importance of similarity for categorization. Two entities can be more or less similar to each other depending on the features they share” (Tradução nossa).

⁴ “Speakers tend to agree more readily on typical members than on less typical members. They come to mind more quickly” (Tradução nossa).

⁵ “Proponents of prototype theory have proposed that such hierarchies contain three levels of generality: a superordinate level, a basic level, and a subordinate level. The idea is that the levels differ in their balance between informativeness and usefulness” (Tradução nossa).

deira do chefe, cadeira de jantar e assim por diante. O nível básico é o identificado como o mais importante cognitivamente.

É o nível mais usado na vida cotidiana; é o primeiro adquirido pelas crianças, em experimentos é o nível em que os adultos espontaneamente nomeiam objetos e tais objetos são reconhecidos mais rapidamente em testes. (SAEED, 2003, p. 39).⁶

A esse respeito, Rosch e Lloyd (1978) explicam ainda que categorias de nível abstrato estarão na hierarquia superior (móvel, veículo), cujos membros compartilham apenas alguns atributos entre si. Para os autores,

[c]ategorias abaixo do nível básico têm aspectos comuns e, assim, com previsíveis atributos e funções, mas muitos atributos se sobrepõem a outras categorias, por exemplo, a cadeira de cozinha compartilha a maioria de seus atributos com outros tipos de cadeiras. (ROSCH; LLOYD, 1978, p. 34).⁷

Para Coleman e Kay (1981), o significado da palavra *mentira* consiste no protótipo cognitivo com o qual varia em eventos reais e imaginários, que também podem corresponder-se em vários níveis. Os autores defendem que é possível enquadrar palavras não concretas no mundo real na teoria dos protótipos.

O presente estudo tenta mostrar que o fenômeno do protótipo é também encontrado na semântica das palavras que se referem a coisas menos concretas, neste caso, um ato de fala chamado *mentira*. (COLEMAN; KAY, 1981, p. 27).⁸

Ambos defendem que os falantes são equipados com a habilidade de julgar o grau com o qual o objeto combina no seu esquema prototípico. Por isso, para esses pesquisadores, muitas palavras (e a palavra *mentira* em particular) têm seu significado construído não apenas em uma lista de condições necessárias e suficientes que a coisa ou o evento precisam satisfazer para serem enquadrados como membro de determinada categoria, mas também um processo psicológico a que eles têm chamado *protótipo*.

⁶ “It is the level that is most used in everyday life; its acquired first by children, in experiments it is the level at which adults spontaneously name objects; such objects are recognized more quickly in tests” (Tradução nossa).

⁷ “Categories below the basic level will be bundles of common and, thus, predictable attributes and functions but contain many attributes that overlap with other categories, for example, kitchen chair shares most of its attributes with other kinds of chairs” (Tradução nossa).

⁸ “The present study attempts to show that the prototype phenomenon is also to be found in the semantics of words referring to less concrete things-in this case, a type of speech act, namely lies” (Tradução nossa).

Em particular, formulamos (com base no tipo de introspecção na pesquisa de semântica e sintaxe) um protótipo para a palavra *mentira* consistindo em três elementos: falsidade, a intenção de falar uma falsidade, e a intenção de enganar. Histórias foram, então, construídas, as quais descrevem atos de fala que contêm cada uma das 8 possíveis combinações desses três elementos; eles foram apresentados aos participantes para serem julgados na medida em que pudessem dizer se na história poderia haver uma mentira. O padrão de respostas confirmou a teoria. (COLEMAN; KAY, 1981, p. 43).⁹

Saeed (2003) também concorda com Coleman e Kay (1981) quando afirma que

[o] significado é baseado em estruturas conceptuais convencionalizadas. Assim, a estrutura semântica, juntamente com outros domínios cognitivos, reflete as categorias mentais que as pessoas formaram a partir de sua experiência de crescimento e ação com o mundo. (SAEED 2003, p. 344)¹⁰

Para construir o significado da palavra *mentira*, Coleman e Kay (1981) propuseram um particular esquema de protótipo, com as seguintes características formais ou semiformais:

Que contém uma lista finita de propriedades.

Que as propriedades da lista são tratadas como dicotômicas. E que, em geral, o esquema do protótipo pode conter propriedades gradientes, cuja satisfação é uma questão de grau.

A satisfação de cada propriedade na lista contribui para o grau de pertinência de um indivíduo na categoria.

Que a satisfação de cada propriedade na lista não significa necessariamente que contribuam igualmente para o grau de pertinência de um indivíduo à categoria. Ou seja, as propriedades podem ter graus diferentes de importância na constituição dos protótipos.

(COLEMAN; KAY, 1981, p. 27-28).

Eleanor Rosch (1975, 1976), a fundadora da teoria dos protótipos, diz que, apesar de a categorização facilitar o entendimento das palavras, a combinação do que se percebe como atributos dos objetos reais não ocorre uniformemente. Alguns pares ou trios,

⁹ "In particular, we formulated (on the basis of the sort of introspection usual in semantic and syntactic research) a prototype for the word lie, consisting of three elements: falsity, intent to speak falsely, and intent to deceive. Stories were then constructed which described speech acts embodying each of the eight possible combinations of these three elements; these were presented to subjects, to be judged on the extent to which the relevant character in the story could be said to have lied. The pattern of responses confirmed the theory" (Tradução nossa).

¹⁰ "Meaning is based on conventionalized conceptual structures. Thus semantic structure, along with other cognitive domains, reflects the mental categories which people have formed from their experience of growing up and acting in the world" (Tradução nossa).

segundo a autora, às vezes aparecem em combinação ora com um atributo, ora com outro; outros atributos são raros e ainda há os que empiricamente não podem ocorrer. Isso porque, é importante enfatizar, fala-se do mundo percebido, e não do mundo metafísico.

Quais tipos de atributos podem ser percebidos são específicos, obviamente. A percepção que o cão tem sobre o cheiro é mais altamente diferenciada que a de um humano, e a estrutura de mundo para um cão certamente deve incluir atributos de cheiro que nós, como humanos, somos incapazes de perceber. (ROSCH; LLOYD, 1978, p. 29)¹¹

O que quer dizer que o atributo dado a certa coisa depende da capacidade de percebê-la, e isso, sem dúvida, é determinado por vários fatores que muitas vezes têm a ver com as necessidades funcionais do conheededor interagindo com o seu ambiente físico e social. “Em resumo, têm sido apresentadas provas de que protótipos de categorias estão relacionados com as principais variáveis dependentes com as quais os processos psicológicos são tipicamente medidos” (ROSCH; LLOYD, 1978, p. 41)¹².

Em certo sentido, a teoria do protótipo diz que, quando o contexto não é especificado no experimento, as pessoas precisam contribuir, com o seu próprio contexto, para obter o significado. Por isso a teoria também recebe críticas, as quais foram apontadas por Rosch e Lloyd (1978):

De que a teoria dos protótipos também é uma ficção gramatical, porque o que realmente são referidos são os juízos de grau de prototipalidade. E apenas algumas categorias, normalmente artificiais, tem um protótipo único e literal.

Os protótipos não constituem qualquer modelo de processamento especial para as categorias. Por exemplo, no reconhecimento de padrões, os protótipos podem ser descritos como uma lista de traços ou modelos de descrição estrutural. Porém, o que os fatos sobre prototipalidade contribuem para o processamento de noções de significado é uma restrição. Por exemplo, um modelo não deve servir de igual verificação para bons e maus exemplos de categoria. Nem prever buscas completamente aleatórias através de uma categoria.

Os protótipos não constituem uma teoria da representação das categorias, embora Rosch tenha sugerido isso em outros estudos. Se as categorias pudessem ser representadas por protótipos que fossem os mais representativos dos itens de uma determinada categoria e menos representativos de uma outra categoria, isso exigiria uma fórmula não

¹¹ “What kinds of attributes can be perceived are, of course, specific. A dog’s sense of smell is more highly differentiated than a human’s, and the structure of the world for a dog must surely include attributes of smell that we, as a species, are incapable of perceiving” (Tradução nossa).

¹² “In summary, evidence has been presented that prototypes of categories are related to the major dependent variables with which psychological processes are typically measured” (Tradução nossa).

muito específica até que fosse realizada concretamente em uma teoria de representação. Ou seja, os protótipos normalmente se restringem a uma certa categoria, mas não determinam os modelos de representação.

Apesar de os protótipos serem aprendidos, eles não constituem qualquer teoria particular de aprendizagem.

(ROSCH; LLOYD, 1978, p. 42)

Após tratar sobre a teoria que norteia esta pesquisa, será apresentada a metodologia a ser aplicada neste estudo experimental, seguida dos resultados encontrados.

Metodologia

Este estudo experimental seguiu a proposta de Biondo (1994): replicou-se o questionário feito pelo autor, seguindo rigorosamente as mesmas perguntas para, então, ser possível comparar os resultados encontrados por Biondo aos desta pesquisa, feita 21 anos depois. A intenção de refazer o estudo é verificar se a compreensão do que é mentira¹³ mudou ao longo de duas décadas e, ainda, observar se outras variáveis (além de tempo), tais como sexo, idade e escolaridade influenciaram as respostas dos informantes.

A metodologia de Biondo (1994) para testar o ato de fala de mentir consiste em um questionário de 8 perguntas em que as respostas, objetivas, deveriam ser assinaladas em um papel. A pergunta final, para os informantes do estudo, era se a pessoa de determinada história descrita no papel havia mentido, sendo possíveis as seguintes respostas: (i) foi mentira, (ii) não foi mentira, (iii) não sei dizer. Além disso, o informante apontava, no questionário, se (i) estava certo da resposta, (ii) estava quase certo ou (iii) tinha certeza absoluta.

O questionário, então, contava com 8 histórias que terminavam com a pergunta “Fulano mentiu?” Estas histórias foram elaboradas por Biondo (1994)¹⁴ a partir de um estudo feito por Coleman e Kay (1981). Para esses autores, a mentira é um ato de fala que envolve um falante (doravante F), um destinatário ou ouvinte (doravante O) e uma mensagem ou proposição (doravante P). Ou seja, uma mentira típica é aquela em que P é falso, F sabe que P é falso e F pretende enganar O. Isso quer dizer que existe uma história (proposição) que é falsa, a pessoa que conta a história sabe que ela é falsa e conta-a a alguém com a intenção de enganá-lo. A partir desta definição prototípica de mentira, foi elaborada a História 1.

¹³ Importante lembrar que, neste estudo, quando se narra que se investiga a compreensão de mentira em duas décadas, analisa-se o ato de fala de mentir e não especificamente o conceito semântico da palavra mentira.

¹⁴ Biondo (1994) replicou o estudo de Coleman e Kay (1981) com diversas alterações, ao traduzir o *corpus* do inglês para o português brasileiro. Sobre este respeito, ler mais em Biondo (1994). Por isso, não é possível comparar os resultados deste experimento especificamente com os de Coleman e Kay (1981).

HISTÓRIA 1

Carlos comeu, escondido, o bolo que Luísa pretendia servir aos funcionários da empresa. Luísa lhe perguntou: “Carlos, foi você que comeu o bolo?” E Carlos respondeu: “Eu não”. Ele mentiu?

Observa-se nesta história que Carlos é o F (falante), que vai afirmar P (que não comeu o bolo) a Luísa que é o O (ouvinte).

Pretende-se seguir a mesma sugestão de Biondo (1994) para sinalizar a presença prototípica da mentira nas histórias, a partir dos sinais opostos (+ e -), ou seja, quando há elementos de mentira presentes nas três configurações (falante, proposição e ouvinte), a história ficará assim: F +, P +, O +. Lembrando que a análise combinatória desses três elementos fornece 8 diferentes possibilidades, foram criadas 8 histórias segundo estas combinações.

A História 2, então, foi elaborada como não sendo uma história prototípica da mentira, o que quer dizer que F, P e O são negativos: F -, P -, O -. Ou seja, a afirmação (P) não é falsa, o falante (F) não engana e o ouvinte (O) não é enganado.

HISTÓRIA 2

Chico e Moacir estavam jogando bola. Chico furou deliberadamente a bola do Celso. Quando Celso chegou e viu a sua bola vazia, perguntou furioso para Moacir: “Foi você que furou a minha bola?” E Moacir respondeu: “Não, foi o Chico que furou”. O Moacir mentiu?

Antes de prosseguir com as explicações das histórias, é importante explicar que as Histórias 1 e 2 foram elaboradas como um teste (histórias-controle) para saber se os informantes que responderam o questionário seriam capazes de participar da pesquisa. A primeira era claramente uma mentira e a segunda era claramente uma não mentira. Por isso, os que não responderam corretamente as Histórias 1 e 2 (a primeira como mentira e a segunda como não mentira) foram eliminados da pesquisa, garantindo, dessa forma, que apenas os indivíduos que apresentassem condições de diferenciar os pontos extremos das duas situações fossem considerados aptos a julgar as demais ocorrências, neste caso com mentiras intermediárias.

A História 3 tem a seguinte combinação: P +, F -, O +. Em que existe uma mentira a ser contada (P), o ouvinte (O) será enganado mas o falante (F) não sabe que está contando uma mentira. A história é a seguinte.

HISTÓRIA 3

Amanhã é feriado e, portanto, a Carmem não vai trabalhar. Mas como ela olhou por engano no calendário do ano passado, ela pensa que vai. Hoje, um conhecido lhe perguntou: “Vamos ao cinema amanhã à noite?” A Carmem poderia ir, mas, como ela não queria sair com ele, respondeu: “É que amanhã eu trabalho o dia todo”, querendo que ele pensasse que ela não poderia ir porque estaria muito cansada. A Carmem mentiu?

Na História 4, o elemento não prototípico da mentira é a proposição: P-, F+, O+, ou seja, o falante (F) tenta enganar o ouvinte (O), mas não conta uma proposição falsa (P).

HISTÓRIA 4

Certa manhã, Vera acordou com a firme convicção de não ir à escola porque ela não tinha estudado para a prova de matemática. Sua mãe lhe perguntou: “Você não vai pra escola hoje?” E Vera respondeu: “Não, eu estou doente”. Sua mãe tirou a sua temperatura e verificou, para surpresa e espanto de Vera, que ela realmente estava com muita febre. A Vera mentiu?

Na História 5, existe a proposição falsa (P), o falante (F) quer enganar, mas o ouvinte (O) não é enganado (P +, F +, O -).

HISTÓRIA 5

Paulo e Antônio (o chefe) trabalham na mesma empresa, mas simplesmente se detestam e não fazem questão de esconder isso de ninguém. Todos os outros funcionários conhecem muito bem a inimizade que existe entre os dois, pois já foram testemunhas de várias desavenças. Hoje, depois de mais uma violenta discussão em público, Paulo olhou para a secretária de Antônio e disse: “O seu chefe realmente me adora”. O Paulo mentiu?

Na História 6, apenas o ouvinte (O) é enganado, pois o falante (F) não tem a intenção de enganar e a proposição (P) não é falsa (P -, F -, O +).

HISTÓRIA 6

José esteve muito doente nas duas últimas semanas, mas ontem ele estava melhor e teve um encontro com Maria, sua ex-namorada. Atualmente a Maria está namorando o Pedro, que é muito ciumento. Hoje, o Pedro lhe perguntou: “Você viu o José esta semana?” E Maria respondeu: “Ah, o José esteve muito doente nas duas últimas semanas”, querendo,

com isso, que Pedro pensasse que o José não poderia ver ninguém. A Maria mentiu?

Na História 7, apenas a proposição (P) é falsa, sendo que o falante (F) não quer enganar, e o ouvinte (O) não foi enganado pelo falante (P +, F -, O -).

HISTÓRIA 7

São exatamente 8 e meia da manhã no relógio de Sílvia. O marido dela, que sempre se levanta às 8, ainda não acordou e, portanto, está atrasado. De repente, ele acorda e pergunta: “Querida, que horas são?” Silvia, que dormiu muito mal durante a noite e está com muito sono, dá uma rápida olhada no relógio e diz: “São sete e meia, ainda é cedo”. E volta a dormir. A Silvia mentiu?

Na História 8, apenas o falante tem a intenção de enganar (P -, F +, O -).

HISTÓRIA 8

Faz dois dias que João ganhou na loteria, mas ele nem desconfia disso porque nunca ganhou e porque ainda não conferiu o bilhete. Hoje, ele amanheceu com uma terrível dor de cabeça, perdeu o ônibus e chegou atrasado ao serviço. Quando ele entrou no escritório chateado e de cara feia, um amigo brincalhão lhe perguntou: “Que cara de felicidade é essa?” E João respondeu mal-humorado: “Ganhei na loteria”. O João mentiu?

Resumidamente, as histórias tiveram, então, os seguintes elementos:

Histórias	P (proposição)	F (falante)	O(ouvinte)
1	+	+	+
2	-	-	-
3	+	-	+
4	-	+	+
5	+	+	-
6	-	-	+
7	+	-	-
8	-	+	-

Tabela 1. Elementos dicotômicos (+ e -) para o protótipo da mentira a partir da proposição (história), falante e ouvinte.

As 8 histórias acima, elaboradas por Biondo em 1994, foram replicadas em um novo estudo em 2015, em que os informantes (completamente diferentes dos de 1994) responderam um questionário escrito, onde eles também assinaram termo de consentimen-

to para participar da pesquisa, sabendo que não haveria contrapartida financeira. Alguns questionários foram entregues pessoalmente e outros foram respondidos pela internet.

Este estudo contou com 89 informantes, sem contabilizar os 12 informantes retirados da amostra por terem respondido errado a História 1 e/ou a História 2. Os questionários foram respondidos entre junho e agosto de 2015. Os informantes foram divididos por gênero, escolaridade e idade. Manteve-se o mínimo de 10 pessoas por categoria, da seguinte maneira:

- homens, entre 16 e 30 anos, com escolaridade até o Ensino Médio. TOTAL: 11.
- homens, acima de 30 anos, com escolaridade até o Ensino Médio. TOTAL: 10.
- homens, entre 16 e 30 anos, cursando ou com Ensino Superior. TOTAL: 12.
- homens, acima de 30 anos, cursando ou com Ensino Superior. TOTAL: 10
- mulheres, entre 16 e 30 anos, com escolaridade até o Ensino Médio. TOTAL: 10.
- mulheres, acima de 30 anos, com escolaridade até o Ensino Médio. TOTAL: 10.
- mulheres, entre 16 e 30 anos, cursando ou com Ensino Superior. TOTAL: 13.
- mulheres, acima de 30 anos, cursando ou com Ensino Superior. TOTAL: 13.

Além das comparações a serem feitas com os resultados de Biondo (1994), analisou-se estatisticamente os dados com o programa SPSS. Os testes estatísticos rodados foram os seguintes: (i) para medir se havia associação entre as respostas (mentira ou não mentira) das 8 histórias com as variáveis (gênero, idade e escolaridade), rodou-se o teste de associação Qui-Quadrado (*Chi-Square Test*, χ^2) com significância de $p < 0,05$. Martins (2011) lembra que este teste de associação é o mais adequado para avaliar variáveis nominais; (ii) para medir se a diferença entre a quantidade de respostas apontadas como mentira *versus* a quantidade de respostas apontadas como não mentira era significativamente relevante, utilizou-se o Teste T para Amostras Independentes, com significância de $p < 0,05$.

Os testes estatísticos de associação pretendiam responder às seguintes questões: (i) há associação entre a resposta (mentira ou não mentira) de cada uma das 8 histórias e o gênero a que pertenciam os informantes? (ii) há associação entre a resposta (mentira ou não mentira) de cada uma das 8 histórias e a escolaridade a que pertenciam os informantes? (iii) há associação entre a resposta (mentira ou não mentira) de cada uma das 8 histórias e a idade a que pertenciam os informantes?

O Teste T foi aplicado para responder se era significativa a diferença entre o número de respostas apontadas como mentira e não mentira.

Resultados

Os resultados desta pesquisa serão apresentados na seguinte ordem. Primeiro, serão mostrados os dados gerais e comparados aos de Biondo (1994). Em seguida, serão apresentadas as respostas dadas para cada uma das histórias, comparando-as também com as de Biondo, e, assim, analisando individualmente cada uma. Por fim, apresentar-se-ão as respostas associadas ao gênero, à idade e à escolaridade e, sempre que possível, comparadas com os resultados de Biondo.

Como as Histórias 1 e 2 serviram como histórias-controle, ou seja, só participaram da pesquisa os informantes que responderam corretamente a 1 como mentira e a 2 como não mentira, não trataremos delas especificamente nos resultados.

O quadro geral das respostas desta pesquisa, comparado ao quadro geral da pesquisa de Biondo (1994), é o seguinte:

Histórias	Esta pesquisa (89 informantes)			Biondo (1994) (77 informantes)		
	Mentiu	Não mentiu	Não sei dizer	Mentiu	Não mentiu	Não sei dizer
1	89	0	0	77	0	0
2	0	89	0	0	77	0
3	30	52	7	36	35	6
4	61	22	6	61	10	6
5	41	35	13	22	40	15
6	37	47	5	34	42	1
7	23	48	18	22	48	7
8	38	43	8	39	28	10

Tabela 2. Resultado geral da pesquisa para cada história comparando com os dados de Biondo (1994). Destaques em verde para os resultados semelhantes, em vermelho para os resultados divergentes entre as duas pesquisas. O azul mostra um número grande de informantes (10 ou mais) que ficaram em dúvida sobre a história ser mentira ou não mentira.

Apenas a partir da comparação exposta na Tabela 2 pode-se chegar a diversas conclusões. A primeira delas, respondendo uma das perguntas deste estudo experimental, é a de que a compreensão do ato de mentir pode mudar historicamente, ao longo dos anos (neste estudo foi uma diferença de duas décadas). Ou seja, pode haver, com o passar do tempo, uma mudança na mentalidade das pessoas que as leva a ter entendimentos diferentes sobre o que pode ser ou não uma mentira. Nota-se que esta compreensão distinta sobre o ato de fala de mentir, a longo prazo, ocorreu, nesta pesquisa, para as Histórias 3, 5 e 8.

Na História 3, sobre o fato de Carmem dizer que não sairia com um conhecido, alegando estar cansada porque iria trabalhar (apesar de ter olhado erroneamente o calendário), a maioria dos informantes de 2015 disse que ela não mentiu. Já na pesquisa de Biondo, feita em 1994, esta mesma história deixou os informantes em dúvida sobre o relato ser mentira ou não mentira, pois praticamente metade respondeu que era mentira e metade defendeu a não mentira. Parece, neste caso, que o fato de Carmem ter olhado erroneamente o calendário levou os informantes desta pesquisa a dizer que ela não estaria mentindo, apesar de ela ter usado o possível cansaço (se tivesse de trabalhar) como uma desculpa para negar o pedido do conhecido e, assim, não sair com ele.

A História 5 foi tida como mentira pela maioria dos informantes desta pesquisa, porém, foi considerada não mentira por grande parte dos informantes da pesquisa de Biondo. Para esta história também chama a atenção a quantidade de pessoas, tanto desta pesquisa como da de Biondo, que não souberam julgar se a referida história era mentira ou não. Recordando, a História 5 tratava de Paulo e Antonio (seu chefe), que se odiavam, e do fato de Paulo ter dito para a secretaria que “o seu chefe realmente me adora”. O contexto dessa história trata de uma situação irônica e isso fez com que muitos informantes desta pesquisa se perguntassem (inclusive apontaram isso no campo das observações) se a ironia poderia ser classificada como mentira. Diante disso, questiona-se também se a concepção de ironia mudou nessas últimas duas décadas, levando os informantes a respostas tão opostas.

A História 8 foi considerada, por grande parte dos informantes desta pesquisa, como não mentira e, pelos informantes da pesquisa de Biondo, como mentira. Outra vez os informantes desta pesquisa apontaram nas observações o fato de a história conter ironia e isso ter dificultado o julgamento do fato relatado. Também foi grande o número de informantes que não sabia responder se a história era mentira ou não mentira. Lembrando que essa história narrava o fato de João, mal-humorado, chegar ao escritório sem saber que havia ganhado na loteria, e alguém lhe perguntar o que ocorreu, e o mesmo responder “ganhei na loteria”.

As Histórias 4, 6 e 7 mantiveram o mesmo julgamento com o passar dos anos. A História 4, sobre Vera ter mentido que tinha febre, parece não deixar dúvidas a respeito disso ser mentira. Já as histórias 6 e 7 foram categorizadas como não mentira, apesar de serem mentira, tanto segundo os informantes deste estudo como de acordo com os da pesquisa de Biondo. Alguns entrevistados desta amostra apontaram, no campo das observações, que julgaram a História 6 como não mentira pelo fato de Maria ter se esqui-

vado da resposta feita pelo namorado, ou seja, não mentiu sobre o fato de ter visto José, somente narrou que ele estava muito doente nas últimas semanas, o que quer dizer que ela deu uma resposta indireta e imprecisa e não necessariamente contou uma mentira. A História 7, sobre Silvia ter dito o horário errado para o marido (porque olhou a hora errada), foi considerada não mentira, segundo os informantes desta pesquisa, pelo simples fato de ela ter-se enganado ao olhar as horas, ou seja, os informantes julgaram que, para haver a mentira, não basta que a proposição (P) seja mentira, é preciso que o falante (F) tenha a intenção de enganar.

Levando em consideração a positividade ou não de P (proposição), F (falante) e O (ouvinte), pode-se afirmar que não há dúvidas, inclusive no decorrer dos últimos 20 anos, de que uma história é mentira quando o falante (F+) tem a intenção de enganar e o ouvinte (O+) é enganado. Porém, quando um desses fatores é negativo, as dúvidas sobre o julgamento da mentira mudam. Em 1994, contar uma mentira (ter a proposição falsa) e o ouvinte ser enganado, apesar de o falante não querer enganar, ou seja, P+, O+, F-, era tido como mentira. Nesta pesquisa, o fato de o falante (F-) não querer enganar (apenas achou uma desculpa para a situação) levou os informantes a dizer que Carmem não mentiu.

Nesta pesquisa, a análise estatística mostrou que é significativamente relevante ($p = 0,009$) a diferença entre as respostas que apontam para mentira e as que apontam para não mentira, por isso os dados foram considerados como diferentes em todas as histórias aplicadas em 2015.

Analisa-se, a partir de agora, a correlação ou não entre as respostas (mentira e não mentira) e o gênero dos informantes. Lembrando que apenas será informado o valor estatístico do teste se este for significativo. Além disso, nesta comparação é possível mencionar os dados de Biondo, pois o autor também fez este tipo de recorte com relação ao gênero.

No estudo experimental de 2015, estatisticamente há associação apenas entre a resposta ser mentira ou não mentira e o gênero do informante na História 3 (Carmem ter achado uma desculpa para não sair com o conhecido) ($\chi^2 (2) = 6,45, p = 0,04$). A maioria das mulheres (67%) diz que se trata de não mentira o que Carmem falou, enquanto que os homens ficam divididos: 43% dizem que foi mentira e 48% dizem que foi não mentira, segundo a Tabela 03.

		História 3			Total
		MENTIRA	NÃO MENTIRA	NÃO SABE	
Sexo	MASC	20	21	2	43
	FEM	10	31	5	46
Total		30	52	7	89

Tabela 3. Resultados brutos da História 3 para o estudo de 2015

Curiosamente, na pesquisa de Biondo também houve esta associação: enquanto 63 % dos homens assinalam mentira para a História 3, 59% das mulheres assinalam não mentira. Essa história chama a atenção pelo fato de as mulheres informantes parecerem defender a posição da personagem Carmem, que mentiu porque não queria sair com um homem conhecido. Já os homens, parecem defender a posição do conhecido que levou “um fora”, apontando que Carmem mentiu na história. Isso mostra que o significado da palavra *mentira* também pode estar atrelado ao gênero, que tende a defender se é mentira ou não segundo seus interesses. Esta História 3 foi a única que mudou o conceito (de ser mentira ou não mentira) no tempo (de 1994 para 2015) e também conforme o gênero dos que julgaram as histórias.

Biondo encontrou associação entre mentira e gênero também para a História 8, mas os testes estatísticos aplicados para esta pesquisa de 2015 não apontaram associação entre esta história e o gênero com nível de significância ($p < 0,05$), e por isso não será abordada essa questão.

A partir de agora, os resultados não serão mais comparados com os de Biondo (1994), porque o mesmo não fez a análise a ser apresentada.

Tentou-se observar também se havia associação entre a mentira e a escolaridade dos informantes, lembrando que eles foram separados entre os que tinham estudado até o Ensino Médio e os que estavam cursando ou tinham Ensino Superior. Os testes estatísticos de associação (Qui-Quadrado) apontaram que não há significância ($p < 0,05$) em nenhuma das 8 histórias com relação à escolaridade, ou seja, os informantes, quando associados ao grau de educação, tendem a julgar da mesma maneira as histórias como mentira ou não mentira. Em virtude disso, não serão apresentados os resultados estatísticos e as tabelas de comparação de respostas por escolaridade.

Contudo, quando foi feito o recorte entre mentira e não mentira e a idade dos informantes, obteve-se valor significativo de associação para duas histórias: a História 4 ($\chi^2 (2) = 6,25, p = 0,04$) e a História 6 ($\chi^2 (2) = 15,60, p = 0,000$) tiveram julgamentos distintos conforme a idade dos indivíduos.

A História 4 (sobre Vera ter mentido que estava com febre para não ir à aula) foi considerada em grande parte (80%) como mentira pelos jovens entre 16 e 30 anos e deixou em dúvida as pessoas acima de 30 anos: 56% disseram ser mentira, mas 35% também afirmaram ser não mentira.

	História 4			Total
	MENTIRA	NÃO MENTIRA	NÃO SABE	
Idade				
16 A 30	37	7	2	46
ACIMA DE 30	24	15	4	43
Total	61	22	6	89

Tabela 4. Resultados brutos da História 4 para o estudo de 2015.

Interessante notar que a História 4 tende a identificar-se com os mais jovens, que costumam contar este tipo de mentira aos pais para não ir à escola, ou seja, as pessoas com menos idade têm mais familiaridade com este tipo de mentira que os mais velhos, e por isso pode ter existido, nesta pesquisa, a associação desta história com a idade dos informantes.

A História 6, sobre o fato de Maria ter mentido ao namorado que viu José, também teve julgamentos distintos conforme a idade. A maioria dos mais jovens (entre 16 e 30 anos) apontou que Maria não mentiu (72%), enquanto a maioria dos mais velhos (acima de 30 anos), 65%, julgou Maria como mentirosa.

	História 6			Total
	MENTIRA	NÃO MENTIRA	NÃO SABE	
Idade				
16 A 30	10	33	3	46
ACIMA DE 30	27	14	2	43
Total	37	47	5	89

Tabela 5. Resultados brutos da História 6 para o estudo de 2015.

Nesta situação, colocamos duas questões que podem ter influenciado a resposta conforme a idade dos informantes. Uma delas é que as pessoas mais velhas normalmente já estão mais acostumadas a mentiras amorosas e tendem a reconhecê-las com mais facilidade. Ou ainda, os mais jovens interpretaram a resposta de Maria não como mentira, mas como uma fuga da pergunta, ou seja, ela não mentiu, mas também não falou a verdade, apenas respondeu outra coisa. Como não podemos medir, nesta pesquisa, exatamente o

que influenciou as respostas, ainda cabem novos estudos a respeito da mentira no decorrer da história e com relação à idade e ao gênero dos informantes, podendo, desta maneira, chegar a conclusões mais específicas sobre por que a mentira muda com o passar dos anos e também conforme a característica do grupo pesquisado.

Conclusão

Esta pesquisa mostrou que replicar estudos feitos em outras épocas pode ser um instrumento interessante para medir o comportamento e as interpretações que as pessoas dão para determinadas situações da vida cotidiana. Os resultados apresentados demonstraram que o aspecto temporal interfere na interpretação que as pessoas dão sobre o significado do ato de fala de mentir que, em algumas histórias narradas, mudou nas últimas duas décadas.

Esta investigação também levantou uma pergunta que não era esperada: a ironia ou imprecisão na resposta de uma pergunta pode ser considerada uma mentira? As observações apontadas pelos informantes instigam novas pesquisas sobre o assunto e mostram que a ironia e a imprecisão muitas vezes dificultam a compreensão de uma certa história a ser classificada como mentira ou não mentira.

Claramente, por testes estatísticos, identificou-se que a mentira pode ser classificada como tal dependendo ou não do gênero e da idade das pessoas envolvidas na história, ou seja, o que pode ser mentira para homens, pode ser verdade para mulheres e vice-versa. Também, o que pode ser mentira para os mais jovens pode ser não mentira para os mais velhos. A variável escolaridade, contudo, não demonstrou influenciar a concepção do ato de mentir, o que quer dizer, neste caso, que, não importando o nível de educação das pessoas, elas tendem a classificar uma história como mentira ou não mentira na mesma proporção, independentemente se as pessoas têm Ensino Superior ou não.

Acredita-se, diante dos dados expostos, que a compreensão do que é o ato de fala de mentir pode variar em duas décadas em alguns contextos. Tanto em 1994 como em 2015, os estudos apontaram que o ato de mentir está ligado ao fato de haver um falante com a intenção de mentir e um ouvinte que foi enganado, mesmo que a proposição não seja uma mentira. Esse dado chama a atenção porque, neste estudo, a História 4 (P-, F+, O+) é bastante confusa, pois seu julgamento como mentira tanto em 1994 como em 2015 leva a conclusão de que mentir pode ser apenas, neste caso, a intenção de um falante enganar um ouvinte, mesmo que o que se conta é verdade. O problema da História 4 é que Vera iria mentir à mãe que estava com febre para não ir à escola, ou seja, a proposição seria

positiva (uma mentira), mas quando a mãe lhe mede a temperatura e Vera percebe que está realmente com febre (para a sua própria surpresa) a proposição passa a ser negativa (não mentira), o que quer dizer que não há mais uma mentira, mas apenas um falante tentando enganar um ouvinte. Esta confusão de que o que se iria contar primeiramente era uma mentira e, depois, na própria história, passa a ser uma verdade, pode ter induzido os informantes das duas pesquisas a classificar a História 4 como um outro protótipo de mentira, apesar de ser estranho pensar que o ato de mentir seria apenas enganar o outro e não efetivamente contar uma mentira. Por causa disso, para estudos posteriores seria interessante reformular essa história ou estudar mais a fundo essa questão.

Outro ponto deste estudo que chama a atenção é que se pode afirmar, a partir dos resultados, que é possível dizer uma mentira sem estar mentindo, a partir da História 7 (P+, F-, O-) em ambos os estudos (1994 e 2015); e a partir da História 3 (P+, F-, O+), considerada não mentira apenas em 2015. Na História 7, Silvia olha errado no relógio e, assim, mente para o marido o horário, mas ela não tem a intenção de enganar e ele não é enganado. Na História 3, Carmen olhou errado no calendário e disse que não sairia com o conhecido porque estaria cansada (pensando que iria trabalhar, mas era feriado). Neste último caso o ouvinte é enganado. Interessante notar que nestas duas histórias existe o fato de olhar algo errado despropositadamente (ou o calendário ou a hora), ou seja, o falante conta uma mentira, mas “sem querer”, sem saber realmente que se trata de uma mentira o que está dizendo. Neste caso, as pessoas tenderam a categorizar, nos estudos de 1994 e 2015, que as pessoas das histórias não contaram uma mentira porque elas não sabiam que o que falavam era, de fato, mentira. Ainda na História 3, Carmen realmente poderia estar cansada se tivesse de trabalhar, por isso não quis sair, o que seria uma verdade, mas se nota que ela usa o cansaço como uma desculpa para não sair, por isso ela usa um ato de fala indireto que, nesse caso, serviu para enganar seu ouvinte, ato considerado mentira em 2015 e que deixou os informantes de 1994 em dúvida sobre como categorizar esta história.

Por fim, os resultados mostram que a mentira mais prototípica é ainda aquela em que existe uma mentira a ser contada, que o falante pretende enganar e o ouvinte é enganado. Porém, algo curioso difere nos estudos de 1994 e 2015, na História 5 (em que chefe e funcionário se odeiam). Em 1994, quando o ouvinte não é enganado com a mentira contada, os informantes apontaram que se trata de uma não mentira. Já em 2015, para o mesmo caso, quando o ouvinte não é enganado com a mentira contada, os informantes disseram que era mentira. Ou seja, em duas décadas, mudou a classificação do ato de fala

de mentir sobre quando o ouvinte não é enganado, mas o falante conta uma mentira, com intenção de enganar. Atualmente, nesta configuração, isso é considerado mentira, enquanto em 1994 isso era uma não mentira.

Referências

- BIONDO, D. *A semântica da palavra mentira e o seu protótipo cognitivo: novas evidências empíricas*. 99 fls. Dissertação de mestrado, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1994.
- COLEMAN, L.; KAY, P. Prototype Semantics: The English Word Lie. *Linguistic Society of America*, v. 57, n. 1, p. 26-44, 1981.
- MARTINS, C. *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS*. Braga: Psiquilíbrios Edições, 2011.
- DIESSEL, H. Where does language come from? Some reflections on the role of deictic gesture and demonstratives in the evolution of language. *Language and Cognition*, v. 5, p. 239-249, 2013.
- ROSCHE, E.; MERVIS, C. Family Resemblances: Studies in the Internal Structure of Categories. *Cognitive Psychology*, v. 7, p. 573-605, 1975.
- ROSCHE, E. et al. Basic Objects in Natural Categories. *Cognitive Psychology*, v. 8, p. 382-439, 1976.
- ROSCHE, E.; LLOYD, B. *Cognition and categorization*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, p. 27-48, 1978.
- SAEED, John. *Semantics*. 2. ed. Hoboken: Blackwell Publishing, 2003.

Submetido em: 21/02/2017

Aceito em: 30/06/2017

ANEXO

Abaixo segue um dos modelos de ficha preenchida pelos informantes da pesquisa de 2015, que deveriam julgar se a história lida era mentira ou não mentira.

SEUS DADOS

Preciso que você me diga qual é a sua idade, sua escolaridade e seu sexo para que eu possa controlar estes fatores na minha pesquisa, reforçando que você não será identificado (a)!

SEXO: () FEMININO () MASCULINO

IDADE: () 18 A 30 ANOS () ACIMA DE 30 ANOS

ESCOLARIDADE:

() ATÉ ENSINO MÉDIO COMPLETO () CURSO SUPERIOR OU CURSANDO

INSTRUÇÕES:

- (1) Primeiro leia com atenção todos os itens de cada questionário.
- (2) Em seguida, leia novamente a história, quantas vezes for preciso, e dê a sua resposta.
- (3) Não rasure.
- (4) Se você quiser fazer alguma observação, faça, mas não é necessário.
- (5) Se você tiver alguma dúvida, me avise, eu o atenderei individualmente.

Obrigada!

(HISTÓRIA 1)

Carlos comeu, escondido, o bolo que Luísa pretendia servir aos funcionários da empresa. Luísa lhe perguntou: "Carlos, foi você que comeu o bolo?". E Carlos respondeu: "Eu não". Ele mentiu?

Faça um X:

() Foi mentira () Não foi mentira () Não sei dizer

Faça um X:

EU () não estou certo () estou quase certo () tenho certeza absoluta

QUE A MAIORIA DAS PESSOAS CONCORDARIA COM A MINHA RESPOSTA.